

## JOSE LUIZ BULHÕES PEDREIRA UM HOMEM FORA DE SÉRIE

*Roberto Teixeira da Costa*

Há pessoas que passam por nossa existência e não deixam marcas; é como se nunca as tivéssemos conhecido. Outras, ao contrário, serão eternamente lembradas por seu caráter, inteligência, brilho, generosidade e amizade. José Luiz Bulhões Pedreira certamente se classifica nesse grupo reduzido de amigos que sempre será lembrado. Conheci-o através do Dr. Walther Moreira Salles quando da formação, em 1966, do BIB – Banco de Investimento do Brasil, predecessor na área de investimentos do que hoje é o UNIBANCO.

À época, era diretor de uma companhia de investimentos, a Deltec S.A. Investimentos, Crédito e Financiamento, pioneira no segmento de “investment bank” no Brasil, e certamente reconhecida pela abertura do capital de muitas empresas. Posteriormente, ela associou-se ao Banco Moreira Salles (base do Unibanco hoje) para formar um dos bancos de investimento mais tradicionais e importante do mercado que foi o BIB. A ele também se associaram na sua formação a Caemi, Brascan e a IBEC. José Luiz Bulhões Pedreira compôs o Conselho de Administração do BIB e foi fundamental em sua organização dos primeiros que foram constituídos após a Lei do Mercado de Capitais de 1965. Essa legislação trouxe marcantes modificações para a criação de uma estrutura funcional para o desenvolvimento do mercado de capitais.

José Luiz sempre teve atuação marcante naquele Conselho, pois com sua visão crítica, buscava identificar por meio de uma incrível capacidade de avaliação de cenários, os melhores caminhos que deveríamos trilhar para cumprir nosso papel de realmente atuar como banqueiros de investimento. Lembro-me muito bem de que já passados alguns meses após o início das operações, ele nos colocou contra a parede, num julgamento muito lúcido do que efetivamente o que o BIB queria ser: uma super financeira ou um efetivo Banco de

Investimentos? Essa chacoalhada foi realmente um ponto de reflexão na vida do Banco, provocando grandes mudanças que o levaram durante os anos seguintes à liderança do mercado.

Nosso relacionamento estreitou-se quando atuando pelo Banco de Investimento (era o responsável pela área de mercado de capitais do BIB), trabalhei diretamente com ele, que representava os grupos controladores da UNIPAR (Moreira Salles e Soares Sampaio) no lançamento das obrigações conversíveis daquela empresa. Foi uma das experiências mais ricas de minha vida profissional: conceber e viabilizar esse lançamento de US\$ 10 milhões (hoje é uma cifra pouco relevante, mas não nos esqueçamos de que estávamos em 1971) até então era fato inédito no nosso mercado. Tantos foram os obstáculos enfrentados para colocar no mercado um título desconhecido (debêntures no Brasil à época era quase um palavrão) de uma companhia de participações numa indústria nascente (petroquímica), com somente uma empresa operativa e outras que iniciavam suas construções, só a criatividade de José Luiz, sua persistência e capacidade de trabalho podem explicar os resultados obtidos.

Lembro-me de incansáveis noites e madrugadas de trabalho, em seu apartamento no Leme, preparando a emissão e verificando seus mínimos detalhes. Abrir o capital sob a forma de ações não seria recomendável, pois as empresas ainda não eram rentáveis ou operativas. Bulhões Pedreira sugeriu lançar obrigações reajustáveis com um "warrant" que a qualquer momento, a critério dos investidores, poderia ser destacado e usado para conversão em ações. Com isso, teríamos um título de dívida acoplado a uma ação. Não foi fácil vender esse conceito a um mercado sem qualquer sofisticação. Alguns bancos foram pouco receptivos e não quiseram entrar no contrato de distribuição. Lembro-me bem da visita que fizemos a Amador Aguiar (Bradesco) e Theodoro Quartim Barbosa (Comind) que não se interessaram e não acreditaram em seu sucesso. Depois de um mês de intensa atividade promocional (na época fomos inclusive até a TV Rio, no programa Maurício Cibulares), com campanhas publicitárias, firmamos um consórcio em US\$ 10.000.000,00 (dez milhões de dólares americanos). Na época, um sucesso absoluto!

A UNIPAR continua atuando até hoje, com as mesmas características de sua criação.



Assim, reapareceram as *debêntures* sob nova denominação, "*obrigações reajustáveis*" com correção monetária, que, na verdade, eram títulos de renda fixa protegidos da inflação.

A partir daí nossos contatos intensificaram-se e não mais se limitaram à vida profissional. Foram freqüentes almoços e jantares, algumas visitas conjuntas a Nova Iorque, ele sempre acompanhado de Cema e eu por Cacilda que também tinha por ele grande carinho devido à sua cultura, interesse geral e principalmente por ser um *gentleman*, na verdadeira acepção da palavra.

Lembro-me de um domingo chuvoso no Rio quando, passando um final de semana matando as saudades, mergulhei numa das primeiras minutas da reforma da Lei das S/A em que José Luiz havia realizado em parceria com Alfredo Lamy. Não me esqueço do entusiasmo com que li aquele documento, antecipando a grande importância para a nossa vida societária. Não tive dúvida, mesmo sendo um domingo, em telefonar-lhe para expressar meu contentamento por aquela peça jurídica que marcou uma das etapas de evolução do nosso mercado de capitais, em conjunto com a Lei que criou a CVM, também com sua participação direta.

Mal sabia eu àquela altura que mais tarde estaria tão envolvido com aquela legislação após ter sido escolhido, e aceito, o primeiro Presidente da CVM – Comissão de Valores Mobiliários. Coube-me assim a responsabilidade de implementar alguns dos aspectos inovadores daquela Lei, ao mesmo tempo que cuidava para que a organização do novo órgão regulador fosse bem alicerçada e resistisse ao tempo. Felizmente, olhando para trás, dou-me conta de que esse objetivo foi conseguido.

Mesmo tendo escolhido um jovem advogado, Jorge Hilário Gouvêa Vieira, para compor o colegiado da CVM, e que havia participado ativamente das discussões da nova Lei da S/A, os contatos com José Luiz eram freqüentes para dirimir dúvidas e conhecer de perto alguns aspectos inovadores de uma legislação que com poucas modificações até hoje não perdeu a sua modernidade.

Certamente, a parceria bem-sucedida de Lamy e Bulhões Pedreira, com a benesse de Mario Henrique Simonsen e do Presidente Geisel foi da maior relevância para o desenvolvimento do nosso país.

Nessa, e em outras ocasiões, foi possível verificar sua incrível disposição de enfrentar desafios e seu espírito público. Apesar de alguns aborrecimentos e frustrações que sempre acontecem com todos aqueles que se dispõem a ajudar o Governo, José Luiz



abraçava esses projetos olhando exclusivamente o interesse público, não o confundindo jamais com interesses pessoais.

Lembro-me de um de seus pensamentos que até hoje uso com frequência: "Nosso empenho deve estar sempre voltado para preservar a empresa, É ela que gera riqueza, gera empregos e colabora para o desenvolvimento. Protegê-la deve estar sempre em primeiro lugar de nossas prioridades."

Quando dei por cumprida minha missão à frente da CVM ao final de 1979, e ainda indeciso de continuava no Rio ou se regressava a São Paulo, José Luiz, como sempre muito gentil e cavalheiro, cedeu-me uma de suas salas e um telefone no seu escritório. Foi uma ajuda importante, pois passaram-se dois meses até que me decidisse sobre o meu destino, que foi o de regressar a São Paulo e criar a primeira empresa de capital de risco, a Brasilpar.

Posteriormente, o mercado de capitais viveu uma outra séria crise em 1989 quando um mega investidor provocou um efeito cascata devastador nas Bolsas de Valores, que mais tarde resultou no fechamento da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Na ocasião, o Ministro Máílson da Nóbrega, titular da pasta da Fazenda, criou uma Comissão de alto nível para estudar o desenvolvimento e a revitalização do mercado de valores mobiliários. Foi novamente uma ocasião para estarmos juntos, e na companhia de Mario Henrique Simonsen, Luiz Octavio da Motta Veiga, Affonso Celso Pastore, Sergio Augusto Ribeiro, Antonio Delapieve, Roberto Bornhausen, Jorge Gerdau Johannpeter e Roberto Faldini, propor uma série de medidas que beneficiassem o mercado.

Com minha volta a São Paulo, e menos freqüentes idas ao Rio, além do fato de São Paulo não estar propriamente no seu roteiro preferencial, diminuíram nossos contatos pessoais. No entanto, quando o buscava, sempre era atendido com presteza e carinho. Nossos encontros eram calorosos e simpáticos.

Jantamos juntos com Cema no Cipriani uns dois meses antes de ele nos deixar. Visíveis eram os sinais do tratamento da moléstia que o vitimou, porém sua disposição era a mesma e não se queixava de nada. Falamos sobre diversos assuntos, inclusive sobre o Governo do Presidente Lula, quando José Luiz afirmou que ele havia superado suas expectativas.

Enfim, foi para mim um privilégio ter tido a oportunidade de trabalhar e conviver com ele, e principalmente, registrar importantes lições e conceitos que jamais serão esquecidos.

Ao terminar esse testemunho, lembrei-me de Tom Jobim e Vinícius de Moraes: "Se todos fossem iguais a você, que maravilha viver."